

ANA CARVALHO

# MUSEUS

E DIVERSIDADE CULTURAL

DA REPRESENTAÇÃO AOS PÚBLICOS



ANA CARVALHO

# MUSEUS

E DIVERSIDADE CULTURAL

DA REPRESENTAÇÃO AOS PÚBLICOS

ca lei  
do sc  
ó pio

**PATRIMÓNIO  
CULTURAL**  
Direção-Geral do Património Cultural

## **COLEÇÃO** Estudos de Museus

A publicação dos livros desta Coleção é sujeita a um Conselho Editorial, constituído pelos seguintes membros: Alice Semedo; Clara Frayão Camacho; Fernando António Baptista Pereira; Pedro Casaleiro; Raquel Henriques da Silva; Vítor Serrão.

### **TÍTULO**

Museus e Diversidade Cultural: Da Representação aos Públicos

### **AUTORA**

Ana Carvalho

A autora não segue o Acordo Ortográfico de 1990.

### **DESIGN e PAGINAÇÃO**

Nuno Kabu

### **ISBN**

978-989-658-392-7

### **DEPÓSITO LEGAL**

411602/16

### **DATA DE EDIÇÃO**

09.2016

### **EDIÇÃO**



CALEIDOSCÓPIO – EDIÇÃO E ARTES GRÁFICAS, SA  
Rua de Strasburgo, 26 – r/c dto. 2605-756 Casal de Cambra. PORTUGAL  
Telef.: (+351) 21 981 79 60 | Fax: (+351) 21 981 79 55  
[caleidoscopio@caleidoscopio.pt](mailto:caleidoscopio@caleidoscopio.pt) | [www.caleidoscopio.pt](http://www.caleidoscopio.pt)

A Coleção Estudos de Museus resulta de um acordo de parceria entre a Direção-Geral do Património Cultural e a editora Caleidoscópio, visando a publicação de investigação de referência em museus e Museologia.



**REPÚBLICA  
PORTUGUESA**

CULTURA

**PATRIMÓNIO  
CULTURAL**

Direção-Geral do Património Cultural

<b>7</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>
<b>19</b>	<b>MUSEUS, MULTICULTURALISMO, INTERCULTURALIDADE E DIVERSIDADE CULTURAL</b>
21	Do multiculturalismo à interculturalidade
27	Diversidade cultural, acessibilidade e participação
32	Museus e imigração
38	Práticas museológicas e diversidade cultural: Um balanço
<b>43</b>	<b>COLECÇÕES ETNOGRÁFICAS E DIVERSIDADE CULTURAL</b>
46	De curiosidades a objectos etnográficos
52	Museus etnográficos na Europa pós-colonial
<b>71</b>	<b>MUSEUM OF WORLD CULTURE</b>
74	Um novo museu para Gotemburgo
78	Fim de um ciclo
81	Um museu de outro tipo
94	Estratégias para a diversidade
95	Públicos: Mais e diversos
100	Exibindo a diversidade através da multivocalidade
104	Imigração: Tópico da cultura do mundo
107	Mudança social
110	Participação local: Uma rede de embaixadores
113	Colecções e imigrantes
118	Património imaterial: Memória e identidade
121	Um museu em transição
<b>125</b>	<b>WORLD MUSEUM LIVERPOOL</b>
128	Liverpool, desenvolvimento e museus
137	World Museum Liverpool, um museu multidisciplinar
142	Diversidade na agenda nacional: Investimento e instrumentalização
148	Diversidade: Da periferia para o coração dos museus
<b>177</b>	<b>MUSEU NACIONAL DE ETNOLOGIA</b>
179	De Museu de Etnologia do Ultramar a Museu Nacional de Etnologia
191	Uma exposição permanente: <i>O Museu, Muitas Coisas</i>
198	Abordagens à diversidade cultural no panorama museológico nacional
204	Diversidade cultural: O <i>outro</i> aqui tão perto
<b>227</b>	<b>DIVERSIDADE CULTURAL, DA REPRESENTAÇÃO A NOVOS PÚBLICOS: RESULTADOS E CONCLUSÕES</b>
238	Notas
268	Siglas e acrónimos
269	Fontes e bibliografia
293	Índice remissivo
311	Agradecimentos



## INTRODUÇÃO

De instituições de natureza inquestionável para o desenvolvimento científico, os museus passaram, sobretudo a partir do último século, a ser objecto de escrutínio sobre o seu lugar na sociedade. Que valores, para quê e para quem? O relacionamento dos museus com a sociedade é condicionado pelos contextos políticos, sociais e culturais que se traduz num crescendo de complexidade, em tensões múltiplas e de interacção com diferentes actores. Mudança e transformação são, por isso, palavras-chave da discussão sobre o lugar dos museus e a sua relevância na contemporaneidade. Neste sentido, os museus estão em constante fluxo, fruto de renovadas visões sobre o seu papel e as suas fronteiras, e novos contextos (Hooper-Greenhill 2000; Knell, Macleod, e Watson 2007; Janes 2009; Black 2011).

A história mais recente dos museus tem sido marcada por uma mudança de paradigma que assinala a transformação e a redefinição de uma instituição considerada elitista e exclusiva para a construção de uma instituição socialmente responsável e ao serviço dos públicos (Anderson 2004). Assim sendo, os museus deixaram de centrar a sua actividade exclusivamente nas colecções<sup>1</sup> para um maior enfoque nos públicos. Hoje são vários os exemplos de museus que, apesar de centrados nas colecções, desenvolvem práticas com incursão no domínio de uma perspectiva socialmente responsável e activa no contexto em que se inserem, assumindo o compromisso de se tornarem mais acessíveis, inclusivos e participativos. Significa que os museus passaram a acumular responsabilidades de ordem social, educacional e cultural em resposta às necessidades e interesses dos públicos que servem (Peers e Brown 2003a; Crooke 2007a; Watson 2007; Santos 2009; Guntarik 2010; Nightingale 2010; Lang, Reeve, e Woollard 2006; Simon 2010a).

Os museus com colecções etnográficas não escapam aos problemas de reconstrução da ideia de museu e de articulação com uma sociedade em transformação. Em 1987, as críticas de Kenneth Hudson sobre o papel e relevância dos museus etnográficos ficariam conhecidas ao considerar que os museus etnográficos não faziam parte da sua lista de «museus de influência» (Hudson

1987, xiii). Na década de 1990 são vários os museus etnográficos que entraram em crise pela escassez de públicos, pelo desinvestimento das tutelas e pela perda de relevância. Esse foi o caso do Musée de l'Homme<sup>2</sup>, em Paris, entre outros. Desde então tem-se assistido à renovação de muitos destes museus, consubstanciando ora a reformulação das suas exposições permanentes ora a criação de novos projectos museológicos que pressupõem o repensar das políticas, seja ao nível da reinterpretação das colecções históricas, seja na relação com o presente, através da musealização de novos patrimónios, e na relação com os públicos.

Por outro lado, o mundo globalizado trouxe também novas perspectivas e mudanças significativas para os museus, que passaram a adaptar-se a um contexto mais diverso, mas igualmente contraditório e conflituoso (Karp et al. 2006). Os fluxos migratórios do pós-guerra transformaram as cidades em mosaicos multiculturais, levando a que os museus se deparassem com novos públicos, assim como a necessidade de repensarem práticas e estratégias. Neste sentido, o multiculturalismo oferece renovados desafios para os museus, sobretudo os etnográficos (Simpson 2001a; Witcomb 2003; Pieterse 2005) com colecções extra-europeias, em que o «outro é agora o nosso vizinho» (Muñoz 2008):

Ethnographic museums and those with important non-western collections must, more than others, chart their way through the political complexities and ethical compromises that globalisation is unleashing before they can truly understand and answer audiences that are increasingly made up people they once considered part of their object. (Shelton cit. por Lagerkvist 2008, 90)

Neste contexto, tem-se verificado um interesse crescente por parte dos museus etnográficos com colecções coloniais em estabelecer formas de colaboração com as *source communities* (Peers e Brown 2003a), comunidades de onde são originárias as colecções, no sentido de reinterpretar as colecções (Shelton 2006; Galla 2008), demonstrando a relevância e a sua actualidade no presente (Boast 2011).

A noção de museu como zona de contacto tem servido para traduzir os desafios das potenciais interacções entre *nós* e os *outros*, sendo definida como um «espaço no qual pessoas separadas geográfica e historicamente entram em contacto entre elas e estabelecem relações» (Clifford 1997, 192).<sup>3</sup> Neste sentido, os museus são perspectivados como espaços de negociação em oposição a espaços



de uma só voz (Hooper-Greenhill 2000; Macdonald 2007), que nunca foram objectivos e neutrais, mas susceptíveis à contingência da natureza das colecções e das exposições, assim como às conjunturas políticas e outras agendas (Bennett 2005).

Os museus na contemporaneidade são instituições caracterizadas pela ambivalência, pela fragmentação e pela multivocalidade (Hooper-Greenhill 2000; Anico 2008). Neste sentido, a introdução de diferentes leituras, perspectivas e interpretações configura uma proposta mais centrada nas comunidades e na celebração da diversidade cultural (Hooper-Greenhill 2000). Por outro lado, já nos anos 1970, Cameron (2004 [1971]) sugeria que os museus deixassem de ser mausoléus para se tornarem locais de confrontação, de experimentação e de diálogo, visão que continua relevante na actualidade. Prevalece, desde modo, o desafio dos museus alcançarem novas geometrias que os posicionem como *espaços-fórum-ágora*, citando Semedo (2013).

Na Europa pós-colonial, o interesse dos museus etnográficos na cooperação com as *source communities* tem sido expressa a partir de um duplo sentido, por um lado com as comunidades que se encontram nos países de onde são provenientes originalmente as colecções, e/ou com as comunidades de imigrantes com possíveis ligações às culturas representadas, procurando novos sentidos e apropriações identitárias (Peers e Brown 2003a).

Pesem embora as potenciais ligações entre as comunidades de imigrantes e as colecções históricas, o termo *source communities* quando aplicado às comunidades de imigrantes remete para uma percepção de cultura mais estática no tempo e no espaço, fazendo eco de uma distinção entre a *cultura deles* e a *nossa cultura* e eventualmente reforçando o efeito de exclusão ao atribuir os patrimónios destes grupos como sendo algo externo à cultura dominante. Neste sentido, impõe-se uma noção mais flexível que tenha em conta também o pressuposto de que o património dos imigrantes transcende as fronteiras e a relação com o país de origem ou com o país de acolhimento para ser parte de um património transnacional (Shatanawi 2011).

A abordagem dos organismos internacionais como a UNESCO evidencia o reconhecimento do património dos imigrantes, enquanto novos patrimónios da cartografia cultural dos territórios no quadro de uma ética global: o respeito pela diversidade cultural, pelos direitos humanos, pela equidade intergeracional

e de género, a promoção da coesão social e da paz (WCCD 1996; UNESCO 2001; UNESCO 2003; UNESCO 2005). Neste sentido, os museus são entendidos também como respostas políticas de reenquadramento sob a agenda da integração e da coesão social para a resolução de um panorama que se afigura problemático com a intensificação dos fluxos imigratórios.

Não obstante a dimensão política do fenómeno, no âmbito das práticas museológicas esta abordagem evidencia a problematização da noção de património e de identidade. Em contexto museológico, o conceito de património tem-se reflectido essencialmente como *objectos-produtos*, cujos valores e significados vão sendo transmitidos pelo conservador de museu<sup>4</sup> ao público. No entanto, perspectivas mais recentes apontam para um entendimento sobre património em constante mutação e renovação (Turgeon 2003) e para a ideia de processo, que remete para uma renegociação permanente dos seus significados (UNESCO 2003; Smith 2006; Bortolotto 2007; Bodo 2012; Alivizatou 2012). Por outro lado, a noção de identidades múltiplas e de fronteiras fluidas vem contrariar uma visão essencialista, estática e monolítica da identidade (Bodo 2012).

Para os museus etnográficos este quadro leva a que a população imigrante seja entendida de duas perspectivas. Por um lado, como públicos locais, no contexto de estratégias de captação de públicos diversos, e, por outro lado, como participantes, seja na apropriação identitária das colecções históricas e na possibilidade de reinterpretação, seja na construção de narrativas alicerçadas no presente sobre património, identidade e memória.

Esta reconfiguração sublinha uma mudança de paradigma quanto ao papel destes potenciais públicos, que, além de visitantes, poderão assumir o papel de *produtores culturais*, isto é, protagonistas no processo de criação, decisão e disseminação de novos discursos (Kreps 2009). Neste contexto, é reconhecida a importância da reciprocidade nas práticas museológicas, em que as partes envolvidas – museus e elementos das comunidades – beneficiam do processo de cooperação, contrariando práticas mais convencionais baseadas na unidireccionalidade (Peers e Brown 2007; Bodo 2012). Em grande medida, esta abordagem encontra-se reflectida na Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial (2003) da UNESCO, que atribui maior centralidade aos grupos e comunidades na salvaguarda do seu património, contrariando uma tradição em que cabe exclusivamente ao especialista (antropólogo, conservador de museu,

ou outro) o estudo e a protecção do património, e aos grupos ou comunidades um papel passivo no processo, que geralmente não ultrapassa a consulta. Assim sendo, a musealização do património (material e imaterial) das comunidades de imigrantes poderá não só implicar a revisão dos modelos de participação de acordo com uma Museologia contemporânea tendencialmente mais participativa, como contribuir para repensar o papel dos museus, as suas responsabilidades e fronteiras (Alivizatou 2012).

A problemática central desta investigação remete, assim, para a reflexão sobre os museus etnográficos com colecções coloniais na Europa e a forma como se reconfiguram no confronto com novos contextos sociodemográficos e identitários, seja na perspectiva de novos públicos, seja a partir da sua colaboração e representação identitária por via de práticas museológicas mais participativas.

Alguns factores impulsionaram o presente estudo. O primeiro prendeu-se com a constatação de que no contexto académico nacional, apesar de alguns estudos situarem a problematização da dimensão multicultural nas práticas museológicas, não estão esgotadas as possibilidades de reflexão que a temática suscita. Neste contexto destacam-se duas dissertações de mestrado, uma em Relações Interculturais e a outra em Museologia, respectivamente: *Museus – Espaços de Representação, Relacionamento e Educação Intercultural* (Albino 2001), tendo como estudo de caso a exposição *Panos de Cabo Verde e Guiné-Bissau* (1996) realizada no Museu Nacional de Etnologia, e *Museus, Educação e Multiculturalismo: Um Estudo de Caso* (Domingues 2009) que incidiu sobre a exposição *Looking Both Ways. Das Esquinas do Olhar. Arte da Diáspora Africana Contemporânea* (2005) e sobre os programas “Jardim do Mundo” e “Transfer” no âmbito da iniciativa “Fórum Cultural — O Estado do Mundo — Plataforma 2” (2006-2007) da Fundação Calouste Gulbenkian. Ao nível dos estudos de doutoramento, refira-se a tese de Anico (2008), no domínio da Antropologia, sobre a análise da *performance* contemporânea dos museus de Loures, na qual a multiculturalidade e a representação identitária de grupos étnicos constituem um dos aspectos explorados. Na perspectiva da captação de novos públicos, a dissertação de doutoramento em Museologia de Faro (2006) apresenta uma reflexão sobre as iniciativas desenvolvidas por vários museus do Porto, incluindo um projecto (2002–2003) no Museu do Carro Eléctrico dirigido a um grupo de imigrantes do leste da Europa. Por outro lado, se a produção teórica internacional

oferece uma panorâmica mais expressiva e diversa nesta área, a ausência de um estudo que incidisse especificamente sobre a realidade museológica nacional e que permitisse uma leitura comparativa fundamentou o interesse em desenvolver esta investigação.

Uma outra razão para a escolha do tema está associada ao nosso percurso, nomeadamente a reflexão sobre o novo conceito de Património Cultural Imaterial (PCI) da UNESCO e a sua tradução para as práticas museológicas, que se iniciou no âmbito da dissertação de mestrado em Museologia (Carvalho 2011). Este estudo demonstrou que a valorização do PCI no sentido de património vivo implica o desenvolvimento de uma Museologia assente na participação de diferentes grupos e comunidades. Estas considerações levaram à escolha dos museus etnográficos como *loci* de análise para aprofundar o modo como o PCI na acepção da UNESCO poderá contribuir para enriquecer a reflexão sobre os limites e as potencialidades da articulação destes museus com o presente.

Foram seleccionados como objecto de estudo três museus com colecções etnográficas no quadro geográfico europeu: o Museum of World Culture (MWC), em Gotemburgo (Suécia), o World Museum Liverpool (WML), no Reino Unido, e o Museu Nacional de Etnologia (MNE), em Portugal. A escolha teve por base um primeiro levantamento de museus que ofereceu uma panorâmica sobre esta realidade museológica. Um dos critérios assumidos inicialmente foi uma abordagem eurocêntrica, atendendo ao facto das questões ligadas ao multiculturalismo variarem em função dos contextos geográficos e políticos e, nesse sentido suscitarem questões distintas, como é o caso de países como o Canadá, a Austrália, os Estados Unidos da América, entre outros.

Foram considerados casos de museus que fossem representativos da diversidade de contextos e que, além disso, tivessem sido objecto de renovação nos últimos anos. Esse foi o caso do MWC, um museu nacional sueco com colecções etnográficas do final do século XIX e do século XX de várias partes do mundo, que abriu ao público no final de 2004 no contexto de um novo projecto arquitectónico e de um novo programa museológico, após o encerramento do antigo museu etnográfico da cidade. O WML, fundado no século XIX, com colecções de história natural e etnográficas, é actualmente um museu multidisciplinar, que no contexto de um projecto de reestruturação abriu ao público em 2005 uma exposição permanente dedicada às culturas do mundo, na qual

se apresenta a maioria das colecções etnográficas constituídas durante o auge do império britânico. O MNE, criado oficialmente em 1965, reúne colecções de âmbito universal e colecções etnográficas de origem nacional, evidenciando um percurso de institucionalização das colecções distinto, e encontrava-se no início desta investigação a preparar uma nova exposição permanente. Numa fase inicial da investigação, o universo do objecto de estudo incluiu ainda o Musée du Quai Branly, em Paris, e o Tropenmuseum, em Amesterdão, para os quais se recolheram informações preliminares e se realizaram alguns contactos e entrevistas, mas concluiu-se pela sua não inclusão devido à dimensão ambiciosa que a recolha e a análise de dados perspectivavam.

O objecto desta investigação compreende o historial, a caracterização e a comparação dos três museus, apoiando-se na Museologia enquanto campo de estudos interdisciplinar que beneficia dos métodos e teorias de outras disciplinas (Macdonald e Fyfe 1996; Shiele 2012), neste contexto, em particular da História e da Antropologia, entre outras Ciências Sociais.<sup>5</sup> A abordagem histórica revelou-se fundamental para um enquadramento sobre a génese e evolução destes museus, as várias etapas dos seus percursos históricos e institucionais, mas sobretudo pela identificação das permanências, das inovações e das alterações de paradigma, facilitando o entendimento das práticas contemporâneas. Os museus são construções sociais, processos que ao longo do tempo apresentam diferentes enfoques, formas de se manifestar e de se organizar que não são dissociáveis do quadro político, social e cultural da sua época.<sup>6</sup> Com referência ao trabalho de Michel Foucault, e sobre as potencialidades da *história efectiva* para compreender a complexidade e os desafios das práticas museológicas no presente, Hooper-Greenhill sublinha:

A 'history of the museum' written from the standpoint of effective history should reveal new relationships and new articulations. Focusing on when and how 'museums' in the past changed, and in which way and why longstanding practices were ruptured and abandoned, may provide a context for today's apparently all too sudden cultural shifts. (Hooper-Greenhill 1992, 11)

Para a análise das práticas museológicas dos três estudos de caso seguiu-se uma abordagem no campo das *etnografias de museus*, que assenta na caracterização do objecto-museu e na subsequente análise dos valores, das narrativas e

das estratégias desenvolvidas (Kreps 2003; Price 2007; Anico 2008; Alivizatou 2012), com enfoque para a sua problematização crítica (Shelton 2001; Shelton 2011).<sup>7</sup>

A opção por uma abordagem comparativa, entendida como *cross-cultural* ou *Museologia comparativa* assenta no «estudo sistemático e comparativo de formas museológicas e comportamentos em contextos culturais diferentes» (Kreps 2003, 4), permitindo explorar as características em comum, assim como as diferenças que os três museus apresentam, situando a problemática num quadro mais vasto.

Para o desenvolvimento da investigação em torno da questão formulada – como podem os museus etnográficos dar resposta aos desafios da sociedade multicultural? – identificaram-se vários objectivos. Um dos objectivos consistiu em enquadrar o contexto histórico, cultural e institucional relativo à génese e desenvolvimento de cada um destes museus, em particular a forma como as suas trajetórias se reflectem na construção do discurso actual, identificando as principais mudanças de paradigma operadas. Um segundo objectivo centrou-se na caracterização dos museus quanto à sua visão, valores e objectivos no âmbito das estratégias desenvolvidas na defesa e valorização da diversidade cultural, especificamente as articulações com as comunidades imigrantes, tendo em conta uma perspectiva transversal das práticas museológicas (gestão de colecções, exposições, investigação e outros programas). Um terceiro objectivo, decorrente do segundo, visou problematizar o modo como o novo paradigma de preservação do PCI emanado da Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial de 2003 se traduz no contexto dos três museus.

A metodologia adoptada na realização deste estudo teve por base a triangulação entre métodos no âmbito da investigação qualitativa (Denzin e Lincoln 2005), incluindo a pesquisa bibliográfica, a pesquisa documental, a realização de entrevistas e as visitas aos museus, durante um período compreendido entre Janeiro de 2010 e Julho de 2013.

A análise partiu da compilação de uma bibliografia suficientemente abrangente para o enquadramento teórico e para a contextualização do tema em estudo no âmbito da Museologia, incluindo da História da Ciência aplicada aos museus, da Antropologia, entre outras áreas no domínio das Ciências Sociais. A consulta da bibliografia acompanhou as várias etapas do trabalho

e foi enriquecida pelos resultados empíricos obtidos ao longo do processo de trabalho. As técnicas adoptadas foram-se ajustando ao objecto de estudo e aos contextos da investigação, nomeadamente em termos de recursos e de tempo.

Numa primeira fase foi essencial o estudo da produção académica nacional e internacional que situou a temática dentro dos limites da investigação e respectivos conceitos-chave, para depois passar para uma análise dos estudos de caso e dos seus contextos históricos, políticos, sociais e culturais nos respectivos enquadramentos nacionais. A pesquisa teve em conta uma análise direccionada para os museus da amostra quanto às publicações produzidas (textos, catálogos, livros, revistas, *newsletters*) e estendeu-se aos respectivos canais de divulgação na internet (página na internet e redes sociais: Facebook, YouTube, blogue, Flickr). Uma outra fonte recolhida consistiu no material produzido (comunicações, artigos publicados em revistas científicas e profissionais, entrevistas) pelos profissionais (directores e outros profissionais-chave) envolvidos nestes museus pelo seu papel como actores imbricados nos processos, na cultura e na identidade museológica das respectivas instituições. Foi ainda examinada a produção bibliográfica de outros investigadores com uma análise crítica sobre as práticas e políticas desenvolvidas por cada museu.

Em grande medida, a investigação beneficiou das visitas realizadas aos museus da amostra, cujo acesso constituiu *per se* uma fonte directa privilegiada: a sua existência física (edifícios, localização), a forma como se promovem no espaço; como se organizam, o que expõem e como; os elementos de interpretação produzidos (textos que acompanham as exposições, tabelas, folhetos) e a programação desenvolvida. A recolha de informação e de conteúdos contribuiu para a compreensão das políticas museológicas promovidas. As visitas permitiram a consulta de bibliografia nos museus e o acesso à documentação interna, na sua maioria não publicada, produzida por cada um (relatórios anuais de actividade, relatórios de projectos, dados estatísticos, estudos de público, orientações programáticas, planos estratégicos). Neste âmbito, as visitas a outros museus pertencentes à mesma rede, especialmente no caso de Liverpool e de Gotemburgo, foram essenciais para uma melhor compreensão das realidades museológicas em estudo.

Na sequência do trabalho de campo foram conduzidas 11 entrevistas presenciais com vários interlocutores em cada museu. Optou-se por um perfil de

entrevistas semidirectivas (Albarello et al. 2005), previamente estruturadas com guião, por se tratar de um universo de análise pequeno e pelas possibilidades que as entrevistas introduzem, por um lado, pelo cruzamento da informação e confronto entre os princípios defendidos publicamente (valores, missão, vocação) e a prática e, por outro lado, pelo acesso a informação que poderia não ser obtida de outro modo, e para testar as problemáticas definidas *a priori* nesta investigação. O critério subjacente à selecção dos entrevistados foi a diversidade e a representatividade de contributos atendendo a uma perspectiva transversal das práticas museológicas analisadas (gestão e estratégia, colecções, educação, programas para os públicos, programa expositivo). A escolha final dos entrevistados resultou da conjugação entre as sugestões da autora e do interlocutor de contacto na instituição e adaptou-se aos constrangimentos de tempo e de disponibilidade. As entrevistas foram gravadas em registo áudio, com a autorização dos entrevistados, e transcritas na língua em que foram conduzidas (português e inglês).

Para além das entrevistas conduzidas nos museus deste estudo, realizaram-se outras entrevistas e contactos de carácter informal junto de informantes considerados relevantes para esta investigação, permitindo enriquecer a pesquisa e clarificar algumas matérias, conduzindo, nalguns casos, a outras pistas de trabalho.

Ao longo da pesquisa foram relevantes as visitas a outros museus europeus com colecções etnográficas e com um perfil similar à realidade museológica focada neste estudo, que permitiram uma panorâmica mais abrangente e esclarecedora quanto às matérias em reflexão. Foi esse o caso da visita a museus reestruturados na última década como as galerias africanas do British Museum (*Sainsbury African Galleries*, 2001), em Londres e do Horniman Museum (renovação em 2002), nos arredores de Londres, do Musée du Quai Branly (2006), em Paris, e de outros museus que se perfilam num contexto mais tradicional de apresentação das colecções etnográficas como, por exemplo, o Museo Nazionale Preistorico Etnografico Luigi Pignorini, em Roma, o Museu Etnològic, em Barcelona, o Museo de America e o Museo de Antropología, em Madrid, o Wereldmuseum, em Roterdão, o Museum Volkenkunde, em Leiden, o Tropenmuseum, em Amesterdão, o National Museum of Denmark, em Copenhaga e o National Ethnographic Museum, em Estocolmo.



Em Portugal, a pesquisa decorreu na Biblioteca da Universidade de Évora, na Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, na Biblioteca Nacional, na Mediateca do MNE, na Biblioteca do Palácio dos Condes da Calheta do Instituto de Investigação Científica Tropical, e, fora de Portugal, nos seguintes locais: Biblioteca da Reinwardt Academy (Amesterdão), Biblioteca do Royal Institute for the Tropics (Amesterdão) e na Mediateca do Musée du Quai Branly.

Para a escrita deste livro foram seguidas as regras da antiga ortografia e, quanto ao estilo bibliográfico, adoptou-se o sistema Autor-Data do *Chicago Manual of Style* (16.<sup>a</sup> edição), um estilo amplamente usado nas universidades. No geral optámos por não traduzir para português as designações de instituições noutras línguas, mas para os casos específicos do sueco, do dinamarquês, do holandês, do alemão e do austríaco, e para melhor compreensão, utilizámos a tradução oficial dos respectivos termos em inglês. Quanto às citações, mantiveram-se na língua original.

A principal dificuldade sentida ao longo da investigação esteve associada à impossibilidade de acompanhar com maior proximidade a programação promovida pelos museus em Liverpool e em Gotemburgo, o que poderá ter impacto em termos do nível de aprofundamento de algumas matérias. Uma outra limitação prendeu-se com o acesso à documentação em sueco. Se no início da investigação se havia constatado que o museu produzia uma grande amplitude de documentação em inglês, que estava associada ao seu perfil internacional e ao arranque dos primeiros anos, verificou-se que essa documentação foi diminuindo com o passar dos anos. Essa limitação foi sendo ultrapassada com a visita ao museu e por via dos contactos estabelecidos com os profissionais do museu e com os quais se mantiveram os contactos regulares, possibilitando o acesso à informação.

O livro encontra-se organizado em duas partes. A primeira parte corresponde ao enquadramento teórico que contextualiza e aprofunda as questões-chave do presente estudo. No primeiro capítulo discutem-se as noções de multiculturalismo, interculturalidade e diversidade e a sua apropriação em contexto museológico, analisa-se a diversidade do ponto de vista da acessibilidade e da perspectiva de uma Museologia mais participativa, identificam-se as abordagens museológicas que a imigração suscita e a sua problematização. De um quadro conceptual alargado ao mundo dos museus segue-se, no segundo capítulo

(*Colecções Etnográficas e Diversidade Cultural*), uma abordagem aos museus etnográficos como campo de transformações e de negociações, situando historicamente o seu aparecimento e percurso evolutivo, os períodos de mudança e a emergência de novos paradigmas. Este capítulo reflecte ainda sobre o papel desempenhado por estes museus na contemporaneidade quanto às possibilidades de articulação com as comunidades de imigrantes, seja na qualidade de novos públicos, seja na perspectiva de participantes na reinterpretação de colecções e na construção de novas narrativas sobre identidade e património.

A segunda parte do livro é dedicada aos três estudos de caso: MWC, WML e MNE, que se desenrolam a partir da moldura conceptual desenhada na primeira parte. Cada estudo de caso foi organizado em duas partes. A primeira parte contextualiza historicamente a génese e o percurso de cada museu, em particular as principais mudanças, rupturas e descontinuidades ocorridas, assim como a sua caracterização geral (missão, valores, vocação e objectivos). A segunda parte centra-se na análise das políticas desenvolvidas relativamente à promoção e valorização da diversidade cultural na perspectiva das relações que se estabelecem com a população imigrante nas práticas museológicas num quadro alargado (colecções, investigação, educação, eventos e exposições), como se caracterizam, como são negociadas e que problemas levantam.

Por fim, o último capítulo (*Diversidade Cultural, da Representação a Novos Públicos*) resume os principais resultados e conclusões da análise comparativa entre os três estudos de caso, apresentando considerações finais e perspectivando linhas de pesquisa futuras.